

O marfim no Daomé como insígnia de poder no período do *Dadá* Guezo (1818-1858)

Aline de Castro Radicchi¹

Resumo

O marfim e os produtos elaborados a partir da talha deste representam parte da cultura material existente em África e que circulou pelo Atlântico. A partir do marfim de elefante foram elaborados objetos de adorno, objetos decorativos, musicais, armas e outros utensílios. No Daomé, localizado onde hoje é a República do Benin, houve o desenvolvimento de oficinas de artífices que trabalhavam a mando do *Dadá*² Guezo (1818-1858) e que produziram diversos objetos de marfim por ele monopolizados. Estes artefatos eram utilizados para aumentar o prestígio do governante e de indivíduos ligados a ele, como seus descendentes, oficiais e religiosos, de forma que gerasse distinção dos demais indivíduos da sociedade e reforçasse o status dos grupos relacionados ao poder político.

Palavras-chave: Marfim, Daomé, História da África.

Abstract

The ivory and the products made from its carving represent part of the material culture existent in Africa which circulated in the Atlantic. From the elephant ivory was made adornment and decorative objects, musical instruments, weapons, and other utensils. In Dahomey, what is now the Republic of Benin, there was the development of artistic workshops worked under the command of *Dada* Guezo (181-1858) and which produced several ivory objects which he monopolized. These artifacts were used to increase the prestige of the ruler and individuals linked to him, such his descendants, officials and religious, in such a way generate distinction from other individuals in society and reinforce the status of groups related to political power.

Keywords: Ivory, Dahomey, History of Africa.

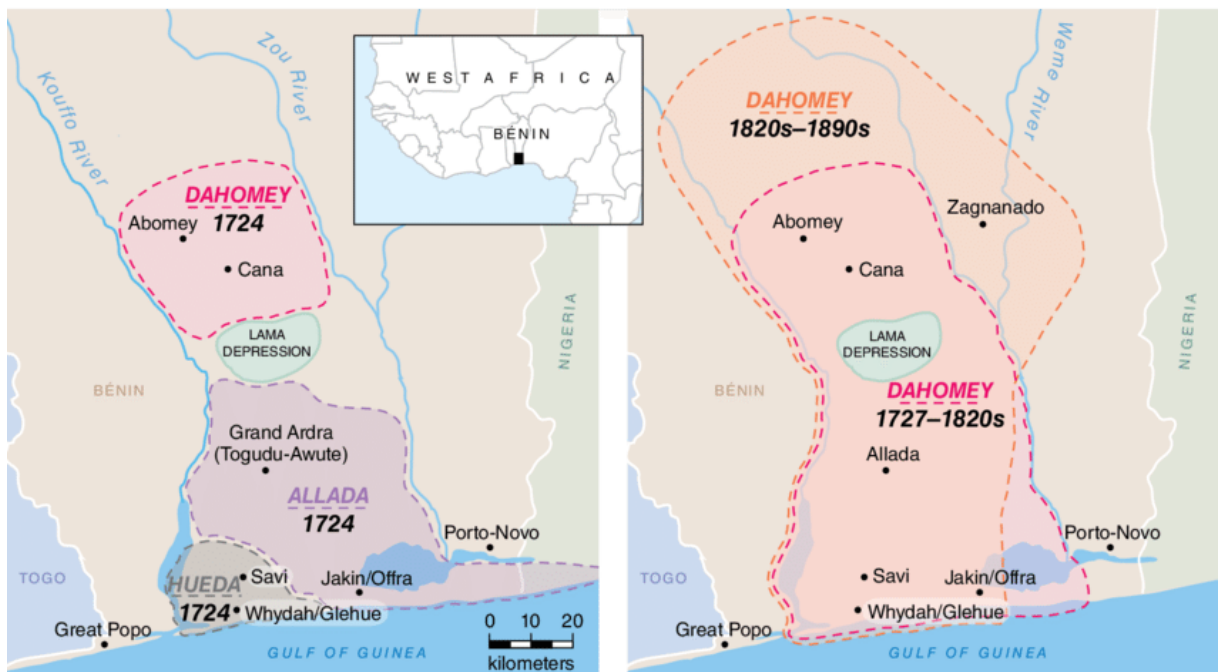
¹ Mestranda na área de História da Cultura do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais. Este artigo é resultado da pesquisa de mestrado fomentada pelo programa de bolsas de pós-graduação da FAPEMIG. A pesquisa está em andamento sob orientação da Prof^a Dr^a Vanicléia Silva Santos. Contato: aradicchi2015@gmail.com

² *Dadá* era o termo utilizado pelos daomeanos para se referir ao governante local, que significava “Pai”. Nos relatos de viagem redigidos por europeus, empregam o termo “rei”. Todavia, não usaremos a nomenclatura ocidental para tratar do mesmo, pois ela transforma o real significado criado pelos daomeanos. Nesta pesquisa, sempre que possível, optaremos pelos termos africanos em detrimento dos de uso europeu para tratar África.

1. Introdução

Segundo a tradição oral do povo fon, a fundação do reino de Daomé, onde hoje se situa a República do Benin, se deu por um grupo de indivíduos provenientes da Vila de Tado que foi expulso da região após a queda da dinastia de Aladaxónu. Esse grupo se estabeleceu em um território onde foi fundado o reino de Aladá, com sua capital Grande Ardra, a cinquenta milhas da Vila de Tado. Por volta de 1610, ocorreu no reino de Aladá uma disputa entre irmãos pelo trono. A parte derrotada saiu dessa região fundando o reino de Daomé, entre os anos de 1620-1625.

A capital do novo reino formado se tornou Abomé, onde se localizava o palácio real. O primeiro *Dadá* foi Dako, considerado o fundador da dinastia daomeana, tendo governado até 1650. Dako iniciou seu reinado conquistando territórios vizinhos, algo que seu filho Wegbaja (1650-1680) deu prosseguimento após sua morte. No século XVIII, mais precisamente em 1724, o *Dadá* daomeano realizou uma expedição militar que conquistou o reino de Aladá e ainda em 1727, o reino de Uidá, região portuária de intenso comércio de escravizados com nações estrangeiras.



Mapa político do reino do Daomé século XVIII e XIX. Fonte: UNESCO.
<http://en.unesco.org/womeninafrica/women-soldiers-dahomey/pedagogical-unit/1>

A anexação de territórios como o de Uidá e Aladá deram maior visibilidade ao Daomé, que anteriormente era desconhecido pelos viajantes estrangeiros que transitavam pela região, por se encontrar afastado da área portuária. A partir do controle das vias que davam acesso a

Uidá, os daomeanos que intermediavam o comércio de escravizados e os levavam a costa para serem vendidos, puderam pela primeira vez ter algum tipo de contato direto com os europeus.

A partir deste contato, vários viajantes estrangeiros escreveram a respeito da geografia, fauna, práticas comerciais, costumes dos habitantes, aspectos políticos e religiosos do Daomé. Essas relações descritivas são importantes por nos trazerem informações sobre a caça do elefante, os usos do marfim, e a quem este se destinava. Dessa forma, utilizamos como fonte para este trabalho os relatos de viagem produzidos no século XIX, período em que o Daomé já havia se consolidado em sua extensão original. Optamos por delimitar este período ao governo do *Dadá* Guezo (1818-1858) período de grandes transformações sociais, econômicas e culturais no Daomé, que serão explicitadas ao longo deste artigo.

Além disso, este trabalho utiliza dos artefatos em marfim produzidas no Daomé e saqueados após a invasão francesa em 1892 para os museus franceses, a princípio, e que hoje estão distribuídos pelos museus da Europa, Estados Unidos e República do Benin. Os itens da cultura material nos permitem lançar luz sobre aspectos do passado que permanecem obscuros nas fontes escritas. Assim, através do cruzamento das fontes aqui empregadas será possível extrair informações importantes sobre a sociedade daomeana, seus grupos de poder, práticas religiosas, hábitos e como os objetos de marfim eram usados, por quem e como eram confeccionados.

2. Metodologia e aporte teórico

As fontes empregadas neste trabalho consistem nos relatos de viagem e os objetos em marfim expostos nos museus. Elas evidenciam os diversos usos do marfim no Daomé, sua relação com a religiosidade local e o governo de Guezo. Ao analisar as descrições de objetos nas fontes escritas e os objetos expostos atualmente em museus, percebemos uma grande variedade de materiais em marfim e, todos eles de alguma forma, estavam relacionados ao *Dadá*, bem como à religiosidade local, que legitimava o poder político.

Para o período que compreende esta pesquisa, foram identificados 15 relatos de viagem provenientes de viajantes estrangeiros que estiveram no Daomé no período que vai de 1818 a 1858. Foram lidos e analisados 13, os demais exemplares faltantes – Brodie Cruickshank (1848) e Jerome Monleon (1845) – não foram encontrados em bases disponíveis online e bibliotecas/livrarias, o que impossibilitou sua utilização. Dentre os viajantes selecionados estão: G. A. Robertson (1820), John M’Leod (1820), John Adams (1823), John Duncan (1847), Blaise Bure (1843), Thomas Freeman (1844), A. R. Ridgway (1847), M. Blanchely (1848), T. J.

Bowen (1849), Frederick Forbes (1851), Auguste Bouet (1851), A. Répin (1853) e A. Vallon (1856). Foram lidos e fichados todos estes relatos, de forma que o máximo de informações sobre o Daomé e referências ao marfim fossem extraídas. Contudo, neste presente artigo, referenciamos ao longo do texto, menos da metade da quantidade de viajantes, para não exceder o número de páginas e para trazer um panorama geral do andamento de minha pesquisa.

Estes viajantes que estiveram no Daomé eram abolicionistas, comerciantes, missionários religiosos, diplomatas, geógrafos, militares etc., e estavam preocupados em descrever os aspectos geográficos, recursos naturais e os grupos humanos e seus costumes. Grande parte destes relatos estrangeiros revelam aspectos acerca do local onde viviam os elefantes, para onde era levado o marfim bruto, onde eram realizados o trabalho de esculpir e quais eram os artífices locais.

Ao trabalhar com este tipo de fonte, levamos em consideração, que tratam-se de relatos marcados pela visão e concepção europeia do início dos tempos modernos, caracterizando assim as sociedades africanas como inferiores, tendo em vista a discrepância cultural entre o viajante europeu e o africano. Além disso, temos que entender a intenção que sustentava este discurso sobre a sociedade daomeana ao longo do século XIX. Ao projetarem um alto nível de humanidade a si próprios, os europeus construíram uma figura de referência para justificar a colonização. Assim, o desejo europeu era o de promover o desmantelamento dessas sociedades e a sua substituição por novas, seguindo o modelo das sociedades cristãs à imagem da Europa.

Ao analisar os relatos de viagem, o historiador deve partir de críticas das questões históricas referentes ao contexto de sua publicação, influências, autoria e destino dos relatos, além de realizar um trabalho comparativo dos textos, de modo que se possa elaborar pontos de convergências e divergências, repetições, plágios e influências que permeiam os relatos de viagem. Antes de tudo, pensar, assim como José da Silva Horta, que os relatos são representações, ou (re)construções do real, que se define como a tradução mental de uma realidade exterior (HORTA, 1995, p.189). Sendo assim, deve se dar a mesma atenção às condições de produção e de recepção dos textos em causa.

Aspectos sobre a cultura material e sobre próprio Daomé, em relação a contendas, comércio e modos de vida dos daomeanos foram aqui analisadas não somente nos relatos de viagem, mas também na única fonte documental escrita por uma pessoa natural do Daomé: a carta de Guezo ao rei D. João de Portugal, transcrita por Nicolau Parés. Esta fonte é importante por trazer o ponto de vista de um africano. Todavia sua análise crítica se faz necessária pois a carta ditada por Guezo e escrita por um intérprete, revelam marcas da cultura europeia ao utilizarem termos estrangeiros para se referir ao próprio Daomé. Uma série de elementos da

cultura colonizadora foi apropriada pelos grupos locais, principalmente ao levar em consideração o deslocamento dos africanos aos países europeus.

As fontes materiais empregadas neste trabalho por sua vez, nos permite elucidar aspectos do passado que permanecem obscuros nas fontes escritas. Em alguns pontos, os artefatos evidenciam informações complementarem as que apresentadas nos relatos de viagem. Os dados nas coleções também são importantes por apontarem o material e a datação dos objetos. Todavia ao analisarmos estes objetos que se encontram expostos, temos que levar em consideração a lógica de criação dos museus ocidentais e as transformações de significados que deram aos artefatos.

Em um recente artigo de Claire Bosc-Tiessé e Peter Mark, os pesquisadores apontam a metodologia adequada ao trabalhar com objetos de determinada cultura, que concordamos e empregamos neste trabalho. Os estudiosos necessitam, ao trabalhar com os objetos, focar no estudo específico da área cultural em questão para compreender o contexto de criação da obra, bem como as transformações de significado e uso ao longo do tempo. O historiador deve questionar igualmente, a natureza do corpus dos trabalhos estudados. Entender as coleções de museus que, por sua vez, são o produto da situação colonial, redes comerciais intercontinentais ou expedições de pesquisa em larga escala. Assim, conseguimos ter em vista as categorias determinantes que norteiam os museus e suas exposições (BOSC-TIESSÉ; MARK, 2019, s/n).

Esta pesquisa apresenta como aporte teórico as perspectivas da teoria decolonial A análise das fontes escritas e dos objetos saqueados pelos franceses e levados para os museus europeus será feita partindo desta perspectiva que busca retirar a roupagem europeia das sociedades colonizadas, resgatando e até mesmo reconstruindo as epistemologias autóctones, violentamente destroçadas pelo colonialismo. O Professor Sabelo Ndlovu Gatsheni fundador da *Africa Decolonial Research Network* (ADERN) e referência para este trabalho, coloca problematizações importantes sobre a existência de um saber único ocidental tão difundido na modernidade além de questionar a forma que a história dos negros é revelada pela mesma, partindo sempre das experiências da escravidão, do imperialismo e colonialismo.

Assim, através da decolonialidade pretendemos superar uma história única, e trazer outros conhecimentos para o espaço de produção, que superem a visão eurocêntrica. De acordo com Sabelo Ndlovu Gatsheni, a decolonialidade envolve recontar a história da humanidade (NDLOVU-GATSHENI, 2013, p.15) e acredito que o estudo dos marfins africanos e seus usos por africanos, é uma parte importante de como recontar esta história.

3. A arte em marfim no governo de Guezo

Para o século XIX, a primeira referência ao marfim foi feita por John M'Leod. O cirurgião da marinha inglesa descreveu a existência de três fortes em Uidá pertencentes aos franceses, ingleses e portugueses que, segundo o viajante, foram estabelecidos no início do século XVIII com o propósito de comercializar escravos, marfim e óleo de palma (M'LEOD, 1820, p.14). Apesar do comércio de marfim não ser o enfoque desta pesquisa, a referência é importante por identificar sua existência no Daomé.

As demais referências, indicam a existência de elefantes por todo o Daomé, sendo o animal caçado e seu marfim extraído. O marfim, além de ser comercializado, era empregado na feitura de objetos artísticos monopolizados por Guezo em oficinas situadas no entorno do palácio. Estes objetos em marfim, elencados nas fontes escritas e que hoje compõem o acervo dos museus, constituem braceletes, colares, bastões (*makpo*), ponteiros divinatórias (*iroquês ifá*) e trombetas. Nesta sessão pretendemos analisar, a partir das informações contidas nas fontes, os usos dados a estes objetos de marfim no Daomé além de compreender a importância do elefante para a cultura local.

A partir dos dados históricos, notamos que Guezo foi uma figura importante na história do Daomé. O governante foi creditado por inúmeras transformações econômicas, sociais e culturais locais. Essas transformações apresentaram impacto diretamente nas artes daomeanas, sendo esta a justificativa para a escolha do período estudado neste trabalho.

3.1 A influência iorubá na arte em marfim do Daomé

O Daomé, desde sua formação, foi caracterizado pela sua política expansionista. Ao longo do tempo, conquistou diversas regiões, inclusive reinos iorubás importantes como Ketu e Sabe. Além disso, em 1820, Guezo encerrou o estado de submissão que se encontrava o Daomé ao reino iorubá de Oyo. Oyo era reconhecido por seu poder bélico, e desde 1748, através de uma ofensiva vitoriosa contra o Daomé, impôs uma série de tributos que o governante daomeano Tegbessu (1740-1774) e seus sucessores deveriam pagar anualmente. Com a vitória de Guezo sob Oyo, houve o aumento considerável do tesouro daomeano e migrações em massa dos iorubás para o Daomé e regiões vizinhas.

Guezo, a partir da melhora econômica do Daomé, investiu na comissão de grupos de artistas, grande parte deles iorubás, levando-os para exercer o trabalho como artífices nos bairros formados por oficinas existentes na capital Abomé. Igualmente, grupos de escravizados

obtidos em guerra contra os iorubás vizinhos foram direcionados para essas oficinas para trabalharem como aprendizes. No século XIX, o Daomé já lidava com as consequências do fim do tráfico de escravizados, sendo estes desde então empregados nos trabalhos agrícolas, usados em rituais de sacrifícios em nome dos antepassados, direcionados as famílias de prestígio e transformados em escravizados domésticos e havia aqueles que, quando detinham habilidade artística comprovada, eram encaminhados a oficinas locais.

A existência de artífices provenientes dos reinos vizinhos no Daomé influenciou a inovação das artes locais. Suzanne Blier defende a ideia de que não se tratava de uma cópia dos objetos externos, mas sim um processo de incorporação de imagens ou elementos estrangeiros em objetos novos, compondo peças surpreendentemente inovadoras (BLIER, 2004, p.188). Havia entre os iorubás, grupos com a arte em marfim bastante desenvolvida sendo seus artífices requisitados em várias regiões. Um deles, os iorubás de Owo, eram tradicionalmente renomados por esculpirem em marfim com perfeição. Segundo os estudos de Adebajji Akintoye, os iorubás de Owo foram os principais fornecedores de estatuetas de marfim para a iorubalândia e o Reino do Benin (AKINTOYE, 2014, p.213). O reino de Owo além de apresentar um grupo de artífices itinerantes, possuía também abundância de elefantes em seu território. Embora não haja evidências históricas do contato entre os iorubás de Owo e os fons do Daomé, existem indícios materiais que possibilitam esta ideia.

Figura 1: Bracelete de marfim Owo



Fonte: Acervo Detroit Institute of Art. Disponível em: EYEO, Ekpo Okpo. *Masterpieces of Nigerian Art*. Abuja, Nigeria, 2008, p.105.

Figura 2: Braceletes de marfim de Aladá



Fonte: Acervo Ulmer Museum. Disponível em: POYNOR, Robin. *The Yoruba and the Fon*. In: VISONA, Monica Blackmun (org). *A history of art in Africa*. Harry N. Abrams, New York, 2001, p.238.

Alguns dos objetos do Daomé existentes nos museus apresentam aspectos estilísticos semelhantes aos de Owo, com iconografia e padrões comuns. Um par de braceletes de marfim retirados de Aladá ao fim do século XVII pelo comerciante alemão Weickmann, e que hoje se encontra na coleção do Museu Ulmer na Alemanha, consiste em um destes objetos (*figura 2*). Não somente o estilo da peça é semelhante ao bracelete de Owo (*figura 1*), como também as representações nele existentes – rãs, tartarugas, carneiros e caracóis – que são comuns na cultura iorubá, mas não entre os fons³.

Apesar de defendermos a ideia de que a arte em marfim de Owo influenciou a existente no Daomé, não descartamos a influência dos demais grupos iorubás. Suzanne Blier destaca as demais artes que, a partir do contato dos fons com os iorubás, passaram a fazer parte do Daomé. Dentre essas artes temos as portas esculpidas de Oyo, máscaras produzidas para rituais, tronos em madeira, roupas confeccionadas com aplicação de tecidos – *appliqués* - e roupas confeccionadas em missangas. De forma geral, as artes de ambas culturas estavam voltadas para o poder político e religioso, de forma a reforçar seu prestígio e autoridade.

Algumas famílias de artífices iorubás que estiveram no Daomé foram identificadas, embora haja poucos estudos sobre elas. Edna Bay, cita a família *Yemadje* que trabalhava para o *Dadá* daomeano produzindo pinturas e desenhos em tecidos. Este grupo foi responsável por elaborar os grafismos de guarda-sóis, redes, tendas e almofadas para o *Dadá* no bairro Hechilito, localizado perto do palácio. Outra referência foi feita em seu trabalho a família *Akati*, uma das linhagens de ferreiros mais conhecidas entre os iorubás. De acordo com Edna Bay, esta família iorubá se estabeleceu no Daomé no século XIX (BAY, 1998, p.190). Contudo, não temos informações que elucidem a confecção de objetos em marfim.

Uma das famílias do Daomé que rivalizava com os *Akati* era a família de ferreiros *Hountondji*, uma das mais tradicionais da região. Os *Hountondji* produziram joias, armamentos, esculturas em metal para indivíduos do poder político e religioso daomeano. Ao longo do

³ Suzanne Blier ressalta a existência de inúmeros objetos com estes motivos nas culturas iorubás, principalmente no reino de Owo. Segundo Blier, a rã estava associada com a ideia de transformação, tendo em vista que o animal consegue viver ao mesmo tempo na água e na terra. O caracol por sua vez, simbolizava unidade. A tartaruga, de acordo com Titi Adepitan, simboliza esperteza / astúcia. O animal era associado ao arquétipo de *Èsù*, o mensageiro divino, mediador entre os homens e o deus *Olodumare*, também conhecido como o trapaceiro entre os iorubás. Já o carneiro, segundo Henry Drewal, era um dos totens mais importante entre os iorubás de Owo, assim como o elefante. A imagem central nos altares ancestrais consistia na cabeça de um carneiro ou a cabeça humana encimada por um ou dois conjuntos de chifres de carneiro. In: BLIER, Suzanne Preston. *Art and Risk in Ancient Yoruba: Ife History, Power, and Identity, c. 1300*. Cambridge University Press, 2 de nov. de 2017, p.288; ADEPITAN, Titi. *Principles of traditional african art in yoruba thorn wood carvings: conversations with Titi Adepitan*. Indiana University Press, v.34, n.1, 2003, p.97; DREWAL, Henry John. *Imagem and Indeterminacy. Elephants and ivory among the Yoruba*. In: Elephant: the animal and its ivory in African culture. Los Angeles, Calif., USA : Fowler Museum of Cultural, 1992, p.199

tempo, seus artífices teriam diversificado a produção, tendo sido creditados na confecção de alguns objetos em marfim⁴. Importante ressaltar que os artífices no Daomé obtinham grande status, pois eram identificados como “guardiões” da história local, tendo em vista que a arte, pela ausência da escrita, era o meio de preservação e divulgação da tradição daomeana.

2.2 O elefante e os usos do marfim

A arte no Daomé era para ser vista e apreciada. Figuras em baixo relevo eram produzidas e expostas nas paredes do palácio representando os grandes feitos dos *Dadás*. Guezo, teve seu simbolismo imortalizado em seu palácio, através da representação de um elefante. Geralmente, esta associação dos governantes com a figura de algum animal, era estabelecida na cerimônia religiosa de adivinhação presidida pelo adivinho – *bokonon* - que marcava a troca do poder político no Daomé. Nesta cerimônia eram realizados cânticos e a declamação de mitos sobre a instauração dos governos, além de serem feitas previsões pelo adivinhador.

Os simbolismos de um *Dadá* também podiam ser criados como forma de marcar eventos importantes. Segundo Michèle Coquet, a escolha do emblema do elefante por Guezo ocorreu após a guerra contra o chefe iorubá *Ajinaku* de Oyo, que era afamado pela força de seu exército e, portanto, relacionado à figura do elefante. Advertido sobre isso, Guezo teria respondido "Nós matamos mais de um elefante com nossas armas, e aquele que estamos caçando não é mais terrível que os outros". Após a vitória sob o inimigo, Guezo passou a utilizar o motivo do elefante como seu emblema pessoal (COQUET,1998, p.89).

Por ser o símbolo pessoal de Guezo, o elefante e seu marfim ganharam destaque nas artes em seu período de governo. Inúmeros artefatos ostentando sua representação foram comissionados. Além disso, viajantes estrangeiros descreveram a existência de ossos de elefante dispostos na entrada do palácio de Abomé – local que representava o centro político daomeano. O cirurgião da marinha francesa Pierre Répin que esteve no Daomé em 1853 descreveu:

Enormes ossos de elefante estão empilhados em frente às portas [do palácio]: provavelmente estão representando troféus de caça; não obstante, o respeito que eles inspiram nos nativos e o medo que se tem de removê-los, me faz acreditar que há alguma ideia supersticiosa em relação a eles.(RÉPIN, 1853, p.80)

⁴ Importante ressaltar aqui, que dois objetos em marfim foram creditados pelo Museu francês Quai Branly a família Hountondji, sendo um deles em conjunto com a família Houndo. No entanto, essa identificação foi suprimida em Julho de 2020, e não conseguimos até o momento, retorno da curadoria do museu sobre o ocorrido.

Figura 2: Figura em baixo relevo do Palácio de Guezo simbolizando o governante



Fonte: Acervo do Museu Quai Branly

De acordo com o antropólogo Jean Herskovits, que esteve na República do Benin e fez sua pesquisa de campo, o elefante no Daomé adquiriu a característica de um animal totêmico. Essa categoria estabelecia que o animal era responsável por proteger seus descendentes de todos os perigos, sendo então representado nas artes e se tornando um símbolo sagrado nas cerimônias (HERSKOVITS, 1938, 2v.,p.192-193). Além disso, o elefante era ao mesmo tempo, um símbolo de medo e poder. Medo, por seu porte e força. Poder pelas riquezas que podia ofertar tal como a carne e o marfim.

Este simbolismo relacionado ao elefante, de força e poder, foi demonstrado na feitura de um colar de marfim para o *Gau* – o chefe de guerra daomeano. A peça foi vendida ao museu pelo etnólogo Bernard Maupoil, administrador colonial. A descrição dada por Maupoil e que se encontra na coleção do Museu Quail Branly consta:

Certos animais estão particularmente ligados ao rei: o cavalo, a pantera e também o elefante. O marfim é muito pouco esculpido no reino, às vezes para os sinos divinatórios do *Fa*, às vezes também para a realeza. Este colar teria pertencido a um oficial do exército do rei Tegbessou – Wademo – chefe de artilharia, que partiu para o ataque à cidade nagô de Agobome. Maupoil relata que ele foi obrigado a parar no caminho pela existência de dois elefantes mortos na estrada. Assim, ele se recusou a prosseguir e fez um colar de marfim dos animais, sobre o qual estavam gravadas rodas de canhão. Depois de colocá-lo no pescoço, Wademo destruiu a cidade de Agobome.

A descrição de Maupoil reforça a ideia do aspecto sagrado do elefante e o uso do marfim por pessoas importantes do Daomé. O pesquisador beninense Arthur Vido afirma que no Daomé, o uso de amuletos feito de ossos e dentes de animais era muito comum pois trazia o sentido da proteção, além da obtenção da força ao utilizar qualquer componente do animal junto ao corpo (VIDO, 2015, p.461). A menção à destruição da vila iorubá remete a este aspecto aqui descrito, embora o relato de Maupoil seja hiperbólico e trágico para o povo iorubá.

Figura 4: Colar de marfim – século XVIII



Fonte: Acervo do Museu Quai Branly

Os grafismos presentes no colar e descritos por Maupoil como “rodas de canhão” são referências discutíveis, pois não constituem um campo de estudo formado sobre as artes do Daomé. Suzanne Blier referencia alguns grafismos associados ao governante Glele (1859-1889), constituído em uma série de linhas paralelas. Estes foram elaborados na cerimônia de adivinhação e representavam o seu governo dentro da cosmologia. Grande parte dos grafismos apresentavam estrita relação com a cosmologia local ou ainda com a tradição histórica ligada aos governantes, o que nos permite uma série de questionamentos perante o colar e os símbolos que ele apresenta. Todavia, o entendimento destes grafismos neste trabalho, não passará aqui de especulações, pela ausência de um estudo sobre o assunto.

Outro elemento com função distintiva no Daomé, eram os bastões, ou *makpo*. Este era um emblema utilizado apenas por oficiais, militares e pelo *Dadá*. Este artefato era como um cetro, geralmente apresentava um metro e meio de comprimento e na extremidade era esculpido brasões ou figura de animais. Sua confecção era feita em marfim, prata ou ébano, dependendo a quem fosse destinado e sua função. Entre as *agoodjies*⁵ por exemplo, o bastão era feito em ébano pois era utilizado em combate. Os bastões que apresentavam em sua extremidade uma lâmina de cobre, marfim, ou mesmo de prata eram utilizados pelos oficiais – *yovogan*, *migan*, e *mewu*⁶.

Figura 5: *Makpo* com lâmina em marfim



Fonte: Acervo Museu Quai Branly

Figura 6: *Kpoge* em marfim



Fonte: Acervo Musée Dapper. In: BLIER, Suzanne Preston. *The Royal Arts of Africa: the Majesty of Form*. London: Lawrence King, 1998, p.104

⁵ *Agoodjies* é o termo empregado na República do Benin hoje para se referir aos descendentes das guerreiras do Daomé, tratadas nas fontes estrangeiras como “Amazonas”. O termo “Amazonas” foi criado pelos europeus a partir dos contos gregos que reproduziam a ideia de mulheres nômade, guerreiras ferozes, que viviam em florestas isoladas de outras civilizações. No imaginário europeu, as mulheres não eram adequadas para ocupar postos militares. Essas mulheres foram constantemente descritas de maneira depreciativa. Assim, optamos por utilizar o termo comum na República do Benin, ainda que seu uso não seja recorrente na historiografia.

⁶ Estes representam alguns dos oficiais mais importantes do Daomé, referenciados nos relatos de viagem como “Caboceiros” e que desempenhavam funções diversas em nome do *Dadá*. O grupo de oficiais com maior prestígio eram compostos por cinco a sete indivíduos, dependendo do período histórico em questão, e eram conhecidos localmente como *gbonugon*. Dentre estes, os três aqui referenciados: *Yovogan* oficial responsável por lidar com os comerciantes estrangeiros e as negociações comerciais; *Migan* oficial que supervisionava todos os assuntos das províncias e executava os sacrifícios humanos; *Mewu* responsável pela punição daqueles que se rebelassem contra o *Dadá*.

Alexandre Adandé ressalta a origem destes bastões, que foram criados no período do governante Wegbadja (1650-1680). Segundo Adandé, o objeto foi resultado da transformação do cabo de enxada, após seu uso por alguns camponeses como forma de defesa diante a invasão inimiga. Para comemorar a vitória dos camponeses sob os inimigos, a enxada foi decorada e tornou-se um distintivo de prestígio. Não por acaso, o nome *makpo*, dado aos bastões pelos daomeanos, significa violência e comando (ADANDÉ, 1967, p.17)

O oficial da marinha francesa Auguste Bouet, que esteve em missão diplomática no Daomé, descreveu os usos do bastão. De acordo com Bouet, os bastões eram empregados por mensageiros do *Dadá* para confirmar que a mensagem transmitida era do governante (BOUET, 1852, p.40). Além disso, qualquer pessoa, diante o bastão deveria se ajoelhar, pois o mesmo representava o *Dadá* diante sua ausência. Os bastões eram também portados pelos principais oficiais aqui já citados - *gbonugon* – como marcas de distinção, principalmente quando realizavam viagens aos reinos vizinhos, forma de confirmar seu poder.

Havia também bastões nomeados *kpoge* empregados em cerimônias religiosas do Daomé. Estes, que também podiam ser encontrados em marfim, eram utilizados por sacerdotes em cerimônias de manifestação de espíritos de altos dignitários do Daomé e ancestrais do *Dadá*. Contudo, essas cerimônias não foram descritas pelos viajantes, possivelmente pelo fato de não serem permitidas sua presença. O bastão, com a representação de uma serpente mordendo a própria cauda, simboliza um dos animais divinizados do Daomé. Suzanne Blier ressalta que este tipo de representação da serpente era muito comum nas artes daomeana sendo “um símbolo do reino, de sua prosperidade e força”(BLIER, 1998, p.104) .

A serpente era considerada um *vodun*, ou seja, uma divindade que era nomeada localmente por Dangbé, invocada para propiciar a fertilidade agrícola, controlar a chuva, favorecer o governante na guerra e curar doenças (PARÉS, 2016, p.142). Esse culto foi assimilado após a conquista do povo *hueda* de Uidá pelo Daomé, se tornando um culto nacional, financiado pelo *Dadá*. Como bem colocou Nicolau Parés:

No Daomé, os cultos voduns dos povos dominados foram subordinados e integrados sob o guarda-chuva centralizador das divindades Mawu-Lissa. Paralelamente, foi a promoção do culto aos ancestrais reais como o culto “nacional”, ou “religião de Estado”, com precedência sob o resto de divindades “públicas”, que contribuiu de forma determinante para a estruturação piramidal do sistema religioso e para a legitimação e centralização do poder real.(...) Do mesmo modo que Uidá o culto a serpente se transformou num emblema de unidade nacional através de sua associação com a monarquia (PARÉS, 2016, p.167-168).

A assimilação das práticas religiosas também foi visualizada na adoção do sistema de adivinhação de *Fa*, proveniente dos iorubás, e entre estes nomeado como sistema de *Ifá*. A prática da adivinhação foi levada em 1720 por dois adivinhos iorubás para o Daomé, que naquele momento era governado por Agaja (1708-1732). O sistema de adivinhação ganhou muita importância no Daomé por ser requisitado pelo *Dadá* para prever grandes acontecimentos. No governo de Guezo, havia uma dúzia estimada de *bokonon*, ou adivinhos, a seu serviço (BAY, 1998, p.190).

Nesta cerimônia, eram utilizados diversos instrumentos pelo adivinho, um deles se tratava de uma ponteira que conduzia a consulta ao oráculo *Fa - O iroquê ifá*. A ponteira divinatória com um chocalho, era usada para invocar *Orunmila* (o fundador deificado da adivinhação *Ifa*) a partir das batidas suaves que eram dadas pelo *bokonon* contra a bandeja divinatória – *opon ifá*. O marfim foi uma das materialidades em que o *iroquê ifá* foi confeccionado no Daomé. Sua escolha não era arbitrária, tendo em vista o aspecto sagrado do elefante, e o status que os *bokonon* conquistaram no Daomé. O *iroquê* de marfim aqui exposto (figura 7), esculpido pela família Houndo conjuntamente com os Hountondji do Daomé, apresenta a imagem de uma mulher ajoelhada que evocava vários temas; compostura, reverência, resistência e vontade de fazer sacrifícios (*ebo*) para receber bênçãos.

Suzanne Blier ressalta que a arte para os fons representava parte vital do sistema de crenças religiosas e dos processos de expressão política. Dessa maneira, o grupo político - que era formado não só pelo *Dadá* e seus oficiais, mas também pelos religiosos mais estimados - era o porta voz cultural que influenciava neste processo de feitura de objetos artísticos. A modelagem e a explicação da arte era muitas das vezes ditadas pelos adivinhadores *bokonon*. Estes, com seus diversos papéis como videntes, consultores, terapeutas, médicos, intérpretes religiosos e filósofos, atuavam como condutos e intermediários entre os reinos sagrado e social, revelando os desejos de divindades e espíritos para os membros da sociedade. Assim eles estavam de alguma forma envolvidos ativamente no processo de criação de arte, indicando as qualidades formais que esta deveria ter e onde seria disposta (BLIER, 1988, p.80-81).

Figura 7: Iroquê Ifá em marfim – Família Houndo e Hountondji, Abomé



Fonte: Acervo Museu Quai Branly

Além do *iroquê ifá* de marfim, outros objetos apresentando o mesmo suporte material foram confeccionados e empregados em ritos religiosos, como as trombetas. As trombetas em marfim foram confeccionadas e empregadas pelos sacerdotes e sacerdotisas locais. Uma das cerimônias em que estas trombetas eram utilizadas era o *Sin-kon*, que correspondia aos sacrifícios e oferendas de alimentos e bebidas aos ancestrais do poder político do Daomé. Geralmente, este momento ficava restrito ao *Dadá*, sua família e altos oficiais e era acompanhado de música e dança.

A trombeta feita em marfim e cobre (figura 8) apresenta um símbolo ligado ao *vodun Nesu* - um pássaro com um peixe em seu bico. O culto à *Nesu* estava ligado ao controle das interações com os antepassados e com questões relativas à mortalidade infantil e nascimentos anômalos, ou seja, aspectos reprodutivos das linhagens. O ritual almejava “alimentar” os ancestrais para garantir a sustentabilidade da vida “neste mundo” e propiciar a reprodução dos viventes, aplacando os espíritos infantis potencialmente nocivos (PARÉS, 2016, p.238)

A representação de um pássaro com um peixe em seu bico, como aponta Suzanne Blier, era recorrente nas paredes dos templos - *Nesuwhe* - e a objetos ligados a seu culto (BLIER, 1998, p.106). Um dos atos do rito de abertura antes da cerimônia consistia na retirada da água da fonte pelas mulheres do palácio para o *Nesu*. A cerimônia do *Sin-kon* estava diretamente ligada aos rituais do *Nesu* responsável por divinizar os ancestrais da família do governante.

Figura 8: Trombeta de marfim e cobre usada nos ritos do *Sin-kon* - Abomé



Fonte: Acervo do Museu Neuchâtel. In: BLIER, Suzanne Preston. *The Royal Arts of Africa: the Majesty of Form*. London: Lawrence King, 1998, p.106.

Figura 9: Trombeta em marfim - Abomé



Fonte: Acervo do Museu Quai Branly

Além de seus usos em ritos religiosos, as trombetas em marfim eram utilizadas em outras ocasiões e por outros indivíduos do Daomé, todos eles relacionados à figura do *Dadá* e a demais grupos de prestígio. Este instrumento musical de sopro foi descrito pelos viajantes em cerimônias festivas, marchas para a guerra e no anúncio da chegada de visitantes no reino. O viajante inglês John Duncan descreveu um grupo de soldados tocando trombetas de marfim recepcionando a chegada de um oficial:

A aproximação do caboceiro de Setta e de seus soldados foi anunciada pelo barulho de seus tambores e chifres, formados por dentes de pequenos elefantes. Meus soldados foram agora ordenados novamente a entrar em ordem de marcha, e a receber o caboceiro, que pouco tempo depois entrou para o quadrilátero, escoltado por cerca de duzentos soldados bem armados (DUNCAN, 1847, p.291).

O diplomata inglês Archibald Ridgway por sua vez, trata da banda de músicos existente no palácio do Dadá na qual cita que seus “instrumentos eram limitados a chifres feitos com os dentes de elefantes” (RIDGWAY, 1847, p.131). A existência de uma banda para servir ao *Dadá* apresentava ligação intrínseca com a preservação da tradição daoemana, tendo em vista que através da música se recitava os mitos de fundação do Daomé e instauração dos governos. De maneira geral, os relatos são depreciativos aos descreverem esses instrumentos, pois estes se diferenciavam dos tradicionais instrumentos musicais europeus.

Frederick Forbes, também diplomata inglês, que esteve no Daomé cita os usos das trombetas de marfim pelas *agoodjies* na cerimônia do *Huetanu* – conhecida nos relatos de viagem como “Costumes do rei”. Esta cerimônia político-religiosa, apresentava múltiplos interesses sendo eles, a prática de sacrifícios aos antepassados, a reafirmação do poder político, meios de firmar acordos comerciais – pela presença de estrangeiros e povos vizinhos, executar a justiça local – com condenações e punições de inimigos, exibir publicamente táticas militares através de encenações, dentre outros aspectos.

As *agoodjies* foram descritas formando bandas portando trombetas de marfim. Elas também foram vistas portando as trombetas em um dos atos do *Huetanu* em que as esposas do governante – as *ahosi* – carregavam as riquezas do *Dadá* para o mercado - itens de adorno, alimentos, vestimentas, esculturas, instrumentos musicais, dentre outros, consistindo em uma espécie de desfile. Todas as pessoas tanto do Daomé, quanto de reinos vizinhos e os europeus deveriam comparecer nesta cerimônia. O *Dadá* ostentava o luxo que servia ao poder político através da exibição de seus itens de prestígio e ao presentear todos os que estavam presentes naquele momento. Assim, o marfim esteve presente na cerimônia como parte de todo este esplendor que ela intencionava transmitir.

Parte importante da cerimônia eram os banquetes servidos pelo *Dadá* aos seus convidados que compreendiam os seus oficiais e familiares, além dos estrangeiros. A carne de elefante era destinada especialmente a esta ocasião, tendo o *Dadá* ao seu dispor um grupo de mulheres caçadoras de elefantes – as *gbeto*, que suprimiam estes eventos com a carne do animal.

As *gbeto* não só destinavam a carne e o marfim do elefante ao *Dadá*, mas também sua pele, que era empregada na confecção de roupas para os grupos de prestígio no Daomé. As próprias caçadoras apresentavam como parte de seu uniforme pedaços de pele do animal adornados com búzios. Os ossos do elefante eram destinados ao palácio, como aqui já referenciado. Além disso, as *gbeto* retiravam o rabo do elefante e os levava consigo, forma de comprovar sua astúcia na caça do animal.

Cada um dos destacamentos das *agoodjies* possuía adereços e uniformes que as diferenciavam entre si e das demais mulheres do Daomé. O viajante escocês John Duncan, menciona que, a vestimenta por si só era uma maneira de demonstrar riqueza, tendo em vista que a maioria dos daomeanos andavam nus e, aqueles que podiam pagar, andavam com um pano atravessado no corpo (DUNCAN, 1847, p.210).

Entre as *agoodjies* havia as *aligossi* que eram encarregadas na defesa do palácio e as *djadokpo*, que compunham o armamento geral. Dentre este último grupo, existiam subdivisões em batalhões, dentre os quais, as *gbeto*, as *agbaraya* que eram armadas com rifles, e as *gohento* que eram as arqueiras. As *gohento* por sua vez apresentavam como símbolo de distinção um bracelete em marfim. Pierre Répin as descreveu: “um batalhão leve e charmoso de jovens, armadas apenas com arcos e flechas, elegantemente vestidas com túnicas azuis, e usando no braço esquerdo o bracelete de marfim” (RÉPIN, 1853, p.92).

Uma ilustração das *gohentos* foi reproduzida no relato de Répin publicado no jornal francês *Tour du monde* (figura 10). Esta ilustração foi feita pelo artista colaborador do jornal Valentin Foulquier a partir de esboços apresentados pelo próprio viajante. Embora as representações dessas mulheres sejam verossímeis – no quesito da vestimenta e os adereços, elas sempre se mostram carregadas do estereótipo europeu, reforçando a visão de mulheres “ferozes e sanguinárias”. A descrição feita pelo francês Pierre Répin, evidencia os preconceitos inerentes aos ocidentais:

Infelizmente, sua ferocidade é igual a sua coragem: indomável durante o combate, elas são impiedosas após a vitória. Parece que, tirando as doces qualidades que adornam seu sexo, as mulheres extremas em tudo não retêm mais nada humano. A história das Amazonas antigas, como as páginas mais funerárias de nossas revoluções modernas, nos oferece evidências demais dessa verdade (RÉPIN, 1843, p.88)

A visão do viajante, exposta no trecho acima, justifica a ilustração em seu jornal. As *gohentos* foram representadas decapitando um inimigo e uma delas segurando sua cabeça em

uma das mãos. O cenário criado, uma floresta, reforça a visão de “selvageria”. Répin distancia as guerreiras daomeanas do tipo ideal de mulher sustentado por uma sociedade patriarcal, a mulher europeia- doce, fragilizada e responsável por cuidar do lar e dos filhos. Além disso, o lugar ocupado por essas mulheres daomeanas, causava estranhamento, pois no imaginário europeu estas não deviam lutar. A força era inerente ao sexo masculino, portanto, os homens iam à guerra e as mulheres deviam permanecer em casa. Assim, houve a associação das *agoodjies* com o mito das amazonas existente nos contos gregos. Essa ilustração e várias outras colaboraram com a sustentação do argumento de que os daomeanos eram seres “incivilizados” e que necessitavam da civilidade, que só poderia ser trazida pelos europeus. Era o pensamento que iria dar sustento ao projeto colonial, que foi implantado anos depois com a invasão francesa do Daomé em 1892.

Figura 10 : As *gohento* – arqueiras daomeanas, no braço esquerdo, o bracelete de marfim.



Fonte: REPIN, Pierre. *Voyage au Dahomey*. Tour du Monde, v.7, 1863 [1853], p.96

O marfim, por apresentar uma clara ligação com os grupos de poder daomeano era muito prestigiado. Ele não só foi empregado na confecção de objetos artísticos diversos para uso local como também foi adotado como item da diplomacia daomeana. Embora não haja referências para o século XIX do uso do marfim para presentear governantes estrangeiros, sabemos que esta prática era recorrente no período de governo do *Dadá* Guezo. Na única carta escrita por Guezo em 1820 ao rei D. João de Portugal, o governante daomeano cita o envio de presentes ao monarca português, que consistiam em escravas e panos locais (PARÉS, 2013, p.234).

Em um dos relatos para o Daomé do fim do século XVIII produzido pelo padre Vicente Pires Ferreira, que esteve na região para conversão do *Dadá* ao catolicismo, o religioso cita o envio por parte do governante daomeano Agonglo ao rei de Portugal quatro dentes de elefantes (LESSA, 1957, p.105-107). Esta evidência confirma a importância do marfim para os daomanos, destinado não somente aos usos locais por indivíduos de prestígio como também a pessoas que os próprios daomeanos consideravam importantes, tendo em vista que os europeus mantinham estreitas relações comerciais com o Daomé.

Conclusão

Este trabalho buscou compreender, através da análise das fontes escritas e dos objetos artísticos e de seu contexto, como os marfins eram empregados no Daomé, quais os objetos confeccionados e por quem eram utilizados. Os marfins africanos, conhecidos e obtidos por todas as sociedades africanas se inserem no universo artístico daomeano, atendendo nesta cultura, ao sistema de dominação, ou seja, objetos criados para legitimar o poder do *Dadá* e reforçar sua riqueza.

Demonstramos as transformações sociais e culturais que ocorreram no período do *Dadá* Guezo e o importante papel que o governante exerceu no crescimento da arte daomeana, ao empregar escravizados iorubás em suas oficinas na confecção de objetos e no patrocínio de artífices de outras regiões no Daomé. Assim, confirmamos a influência iorubá na arte em marfim do Daomé, ao levantar os dados históricos e analisar os aspectos estilísticos dos objetos em marfim dos iorubás de Owo e dos fons.

Por fim, percebemos de que maneira os objetos de marfim eram utilizados por Guezo e pessoas a ele associadas, saindo da perspectiva eurocêntrica, de se pensar em África apenas a partir do contato europeu, ou de uma produção voltada para fora do continente, seja a partir do comércio ou de encomendas de objetos em marfim.

Elencamos como principais objetos de marfim confeccionados e utilizados no Daomé, as trombetas, adereços, *iroquês* e os bastões *makpo*, todos estes empregados como insígnias de poder. Também apontamos em diversos objetos artísticos o aparecimento da figura do elefante, que era o emblema pessoal de Guezo e um animal considerado sagrado. Estes objetos em marfim eram exibidos aos daomeanos e estrangeiros além de serem empregados nas relações diplomáticas com os europeus, como forma de reforçar o prestígio do grupo de poder doameano.

Referências Bibliográficas

- ADANDÈ, Alexandre. *Les recades des rois du Dahomey*. Dakar, IFAN, 1962.
- AKINTOYE, Adebajji S. *A history of the Yoruba People*. Amalion Publishing, Dakar, Senegal, 2014.
- BAY, Edna G. *Wives of the Leopard: Gender, Politics, and Culture in the Kingdom of Dahomey*. Charlottesville; Londres: University of Virginia Press, 1998.
- BOSC-TIESSÉ, Claire; MARK, Peter. *Towards an art history of precontemporary Africa. Preliminary thoughts for a state-of-the-art assessment*. In: BOSC-TIESSÉ, Claire; MARK, Peter (org). *Towards an Art History of precontemporary Africa: Methodology, Historiography, Epistemology*. Journal Afriques, 2019.
- BLIER, Suzanne Preston. *Words about words about icons: Iconology and the study of african art*. Art Journal, n.47/2, 1988, p.75-87.
- BLIER, Suzanne Preston. *The Art of Assemblage: Aesthetic expression and social experience in Danhomé*. RES: Anthropology and Aesthetics, nº 45, 2004.
- COQUET, Michèle. *African royal court art*. University of Chicago Press, 1998.
- HERSKOVITS, Melville J. *Dahomey: An Ancient West African Kingdom*. Nova York: J. J. Augustin Publisher, v.2, 1938.
- HORTA, José da Silva. *Entre história europeia e história africana, um objecto de charneira: as representações*. Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África. Lisboa : Linopazes, 1995, p.188-200.
- LESSA, Clado Ribeiro de. *Viagem de África em o reino de Daomé, escrita pelo Pe. Vicente Ferreira Pires no ano de 1800*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.
- NDLOVU-GATSHENI, Sabelo. *Why Decoloniality in the 21st Century?*. The Thinker: The Journal of Progressive Thought 48: 2013, 10-15.
- PARÉS, Luis Nicolau. *Cartas do Daomé*. Afro-Ásia 47 (2013), p.324.

PARÉS, Luis Nicolau. *O Rei, o pai e a Morte. A religião Vodum na Antiga Costa dos Escravos na África Ocidental*. Companhia das Letras, São Paulo, 2016.

VIDO, Agossou Arthur. *Un aspect de l'histoire de la faune du Sud-Bénin durant la période précoloniale : le cas de l'éléphant*. Université d'Abomey-Calavi, 2015.

Relatos de Viagem.

M'LEOD, John. *A voyage to Africa with some account of the manners and customs of the dahomian people*. Londres, 1820.

DUNCAN, John. *Travels in western Africa in 1845 and 1846 comprising a journey from whydah, through the kingdom of Dahomey, to Adofoodia, in the interior*. Londres: Frank Cass & Co., 1968 [1847]

FORBES, Frederick E. *Dahomey and the dahomans being the journals of two missions to the King of Dahomey and residence at capital, in the years 1849 and 1850*. Londres: [s.n], 1966 [1851], 2v.

BOUET, Auguste. *Le royaume de Dahomey*. L'Illustration, n°20, Jul-Dez. 1852.

REPIN, M. *Voyage au Dahomey*. Tour du Monde, v.7, 1863 [1853], p.65-112.

RIDGWAY, Archibald. *Journal of a visit to Dahomey, or the Snake Country, in the months of March and April 1847*. New Monthly Magazine, n° 81, 1847.